



## Um estudo de construções com o verbo *deixar* em fala espontânea do português brasileiro: aspectos gramaticais/discursivos e análise acústica

### *A study of constructions with the verb deixar in Brazilian Portuguese spontaneous speech: grammatical/discursive aspects and acoustic analysis*

Luis Filipe Lima e Silva

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo / Brasil

[luisf.1397@gmail.com](mailto:luisf.1397@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0003-0188-2861>

José Carlos Costa

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

[carlosjuniorcosta1@gmail.com](mailto:carlosjuniorcosta1@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0001-8265-4195>

Sueli Maria Coelho

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

[sucoelho@ufmg.br](mailto:sucoelho@ufmg.br)

<https://orcid.org/0000-0003-4021-0339>

**Resumo:** Este trabalho analisa o comportamento do verbo *deixar* no português brasileiro utilizando dados de fala espontânea extraídos do *corpus* C-ORAL-BRASIL I (RASO; MELLO, 2012). Em vista da multifuncionalidade desse verbo, relatada em outros estudos (cf. PINTO, 2008; TRAVAGLIA, 2017), procurou-se observar suas ocorrências, de modo a verificar se sua distribuição, na fala espontânea, é equivalente àquela constatada nos estudos supracitados, que registraram uma maior produtividade desse item como verbo gramatical. No bojo dessa discussão, realizou-se uma análise acústica da construção [*deixa eu*] em comparação com a forma de terceira pessoa do presente do indicativo, a fim de mensurar o grau de redução da construção e verificar se

ela é mais reduzida tanto do ponto de vista paradigmático em relação à forma [*deixa*], conforme depreende-se do estudo de Bybee *et al.* (2016), como também do ponto de vista sintagmático, isto é, em relação às suas palavras contíguas, o que permitiria atestar efetivamente o seu grau de redução comparado à forma [*deixa*]. A pesquisa revelou que há mais usos do verbo com função discursiva, manifestados pela construção [*deixa eu*], seguidos da função gramatical e da função lexical. Não obstante, considerou-se que a função gramatical não está enraizada no verbo, mas na construção de que ele participa, o que permite assumir que ele passa por um processo de construcionalização. A análise acústica, por sua vez, revelou que a construção [*deixa eu*] é, do ponto de vista sintagmático, mais reduzida do que a forma [*deixa*], o que evidencia que ela se encontra num estágio mais avançado de mudança, caracterizado por sua função de marcador discursivo.

**Palavras-chave:** construcionalização; discursivização; deixar; redução especial; análise acústica.

**Abstract:** This paper analyzes the behavior of the verb *deixar* in Brazilian Portuguese using spontaneous speech data extracted from the C-ORAL-BRASIL I (RASO; MELLO, 2012) *corpus*. Considering the multifunctionality of this verb, reported in other studies (cf. PINTO, 2008; TRAVAGLIA, 2017), we sought to observe its occurrences, in order to verify whether its distribution, in spontaneous speech, is equivalent to that found in aforementioned studies, which reported greater productivity of this item as a grammatical verb. In the midst of this discussion, an acoustic analysis of the construction [*deixa eu*] was carried out in comparison with the third-person form of the present tense, in order to measure the degree of reduction of the construction and verify if it is more reduced from a paradigmatic point of view in relation to [*deixa*], as can be inferred by Bybee *et al.* (2016)'s study, and also from a syntagmatic point of view, i.e., in relation to its contiguous words, which would allow to effectively attest its degree of reduction compared to [*deixa*]. This research revealed that there are more uses of the verb with a discursive function, attested by the construction [*deixa eu*], followed by the grammatical function and the lexical function. Nevertheless, it was considered that the grammatical function is not rooted in the verb, but in the construction which it participates, which allow us to assume that it goes through a construcionalization process. The acoustic analysis, in turn, revealed that the construction [*deixa eu*] is, from a syntagmatic point of view, smaller than the form [*deixa*], which shows that it is at a more advanced stage of change, characterized by its function as a discourse marker.

**Keywords:** construcionalization; discursivization; *deixar*; special reduction; acoustic analysis.

Recebido em 31 de agosto de 2021

Aceito em 26 de outubro de 2021

## Considerações iniciais

É amplamente explorada na literatura linguística a correlação entre frequência de uso e processos de mudança, entre os quais a gramaticalização, que pode culminar, dependendo do estágio do processo, na redução fonética das formas envolvidas (BYBEE, 2006; BYBEE; HOPPER, 2001; CHEN; WU, 2015; HEINE; REH, 1984; HEINE; KUTEVA, 2007; HEINE *et al.* 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; KALDHOL; JOHNSEN, 2021; LEHMANN, 1982; THOMPSON; MULAC, 1991). Buscando contribuir para esse debate, nosso estudo toma como objeto de descrição e análise uma forma verbal muito frequente<sup>1</sup> no Português, qual seja, o verbo *deixar*, buscando verificar se, tal como defendido por Travaglia (2017) e por Pinto (2008), a referida forma é contemporaneamente mais produtiva como verbo gramatical. No bojo dessa discussão, propusemo-nos também a analisar acusticamente a construção [*deixa eu*], concebida como um caso de redução especial, nos termos de Bybee *et al.* (2016), comparativamente à forma de terceira pessoa do presente do indicativo, buscando mensurar a grandeza da redução no contexto do *chunk*. Considerando-se os dois objetivos ora formulados, este artigo está, pois, subdividido em duas partes, na primeira das quais analisamos a funcionalidade de *deixar* em seus usos lexicais, gramaticais e discursivos, e, na segunda, comparamos a análise acústica da forma verbal de terceira pessoa com a do *chunk* [*deixa eu*].

Tomando o mesmo *corpus* utilizado por Bybee *et al.* (2016), a saber, o C-ORAL-BRASIL I (RASO; MELLO, 2012), exploramos a hipótese de que, em virtude de sua alta frequência, o verbo *deixar* é uma forma multifuncional na língua. Entretanto, acompanhando a proposta de Traugott e Trousdale (2013)<sup>2</sup>, acreditamos que tal multifuncionalidade se manifesta não na forma em si, mas nas construções de que ela participa. Desse modo, as funções gramaticais ligadas à marcação do aspecto ou da modalidade e a função discursiva de marcador não configurariam usos gramaticais do verbo contrapostos a seus usos lexicais, conforme categorizaram Travaglia (2017) e Pinto (2008). No que toca à classificação

---

1 Conforme discutiremos na seção 2, o verbo *deixar* é o 18º verbo mais frequente do *corpus* C-ORAL-BRASIL I num total de 1309 verbos.

2 Desde Heine (1993), assume-se que não é a forma/item lexical em particular que se gramaticaliza, mas que toda a construção em que a forma/item lexical ocorre se torna gramatical.

adotada para explorar tal hipótese, estamos assumindo, com Martelotta *et al.* (1996, p. 24), que o termo *gramaticalização*

tem sido usado com vários sentidos. Interessa-nos o sentido em que designa um processo unidirecional segundo o qual itens lexicais e **construções sintáticas**, em determinados contextos passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Um processo em cujo final o elemento lingüístico tende a se tornar mais regular e mais previsível, pois sai do nível da criatividade eventual do discurso para penetrar nas restrições da gramática (grifos nossos).

Segundo nossa hipótese, são construções sintáticas<sup>3</sup> nucleadas pelo verbo *deixar* – e não propriamente o verbo – que se gramaticalizam para marcar noções de aspecto e de modalidade, conforme ilustram, respectivamente, os dados (01) e (02), a seguir<sup>4</sup>:

(1) bfammn05

CAR: [151] essa [/1] essa vida corrida / que eu trabalho muito / mas / *nũ deixo de dar amor* / *nũ deixo de dar carinho* / né / e / cobro muito dela / cobro mesmo / *cê nũ* [/1] *nũ tá percebendo* que a gente tá cobrando / porque hoje tá tudo muito tranqüilo //

(2) bfammn33

ADR: [158] *mas eu / deixava a pessoa escrever* em espanhol //

Aqueles usos que, por seu turno, culminam na perda de restrições gramaticais em detrimento de restrições pragmáticas e interativas

<sup>3</sup> Cf. Silva (2017) e Silva e Coelho (2020), para outros casos de mudanças de construções sintáticas.

<sup>4</sup> Todos os dados apresentados neste texto seguem o padrão de transcrição adotado pelo *corpus* utilizado para a pesquisa. A sigla que segue o número do exemplo diz respeito ao texto de onde o exemplo foi extraído. As três letras em caixa alta indicam o participante, o número entre colchetes diz respeito ao número do enunciado. O símbolo [n] indica *retractings* e ‘n’, o número de palavras retratadas. O símbolo ‘hhh’ indica risos. Barras simples marcam uma quebra prosódica percebida como não-terminal, ao passo que barras duplas indicam uma quebra prosódica percebida como terminal, isto é, o fim do enunciado.

ilustram processos de mudança de outra natureza, porque as funções deles resultantes são da ordem não da gramática, mas do discurso. Em face disso, defendemos que a *discursivização*

deve ser vista como um processo distinto da gramaticalização, pois abrange elementos que funcionam em um campo de atuação mais vasto do que o da gramática, marcando relações entre os participantes ou entre os participantes e seu discurso, sem estabelecer necessariamente relações entre elementos da gramática (MARTELOTTA *et al.*, 1996, p. 156).

É o que se observa, por exemplo, nos dados (03) e (04), abaixo transcritos, em que as construções nucleadas pelo verbo *deixar* são empregadas pelos enunciadores não com o objetivo de pedir permissão/autorização aos interlocutores para realizar determinado ato, mas com o intuito de assegurar a interação, manter o turno de fala, enquanto (re) organizam o próprio discurso:

(3) bfamcv14

LCS: [119] hhh *deixa eu ver* como eu te explico //

(4) bfamcv24

PLA: [292] *xá eu procurar* aqui //

É importante observar que os usos indicados nos exemplos estão sujeitos à redução especial, nos termos de Bybee *et al.* (2016). Analisaremos acusticamente esses casos na seção 2. Conhecidos nossos objetivos fundamentais e a hipótese que nos propusemos a testar, bem como estabelecida a terminologia na qual se ancora nossa categorização dos dados, passemos à primeira parte de nossa análise, qual seja, a descrição das funcionalidades do verbo *deixar* no Português Brasileiro (PB).

## **1 Descrevendo os contextos de uso do verbo deixar em dados de fala espontânea do PB: lexicalização, gramaticalização e discursivização**

## 1.1 Metodologia

Conforme já antecipamos na seção precedente, nossa amostragem linguística foi extraída de um *corpus* de referência do português falado informal, o C-ORAL-BRASIL I (<http://www.c-oral-brasil.org/>), organizado por Raso e Mello (2012). A coleta dos dados foi realizada eletronicamente com o auxílio da plataforma DB-CoM [*Database for Corpora Multimidia*] (MELLO; RASO, 2020), disponível em <http://www.c-oral-brasil.org/db-com>. Utilizando o recurso de busca da referida plataforma, chegamos a um total de 331 (trezentos e trinta e um) contextos com o verbo *deixar*, dos quais um foi desconsiderado por não nos permitir identificar e/ou recuperar sua função. Nossa análise contempla, pois, um universo de 330 (trezentos e trinta) dados, que foram classificados segundo estes critérios:

(i) *formas lexicais*<sup>5</sup>: aquelas que prototipicamente se referem ao universo biossocial (significação externa), designando entidades, ações e qualidades. Carregam conteúdo nocional e, portanto, são dotadas da propriedade de seleção argumental:

(5) bfamcv18

CAR: [228] aqui é um envelope que a / Luciana *deixou* na loja //

(ii) *formas gramaticais*: aquelas que, em virtude de um processo de abstração metafórica, esvaziaram-se de seu conteúdo nocional, perderam propriedade de seleção argumental e assumiram função gramatical (significação interna):

(6) bpubdl04

MUR: [50] mas vai olhando muito seu lado e *vai / deixando ir* //

---

5 Convém esclarecer que, embora estejamos assumindo que não é a forma, mas a construção, que se torna gramatical, o julgamento de nossa hipótese impõe-nos a categorização de *deixar* enquanto forma lexical, gramatical ou discursiva. Isso se faz necessário não apenas para nos permitir a comparação de nossos resultados com os de Travaglia (2017) e de Pinto (2008), como também para elucidar se as funções gramaticais e discursivas são denotadas pela forma ou pela construção.

(iii) *formas discursivas*: aquelas que, igualmente esvaziadas de conteúdo nocional, assumem funções discursivo-textuais, referindo-se a partes do texto ou marcando estratégias de interação:

(7) bpubdl06

TAT: [252] *xá eu dá uma conferida lá dentro //*

Considerando-se o modelo da Linguística Centrada no Uso, ao qual nossa perspectiva de análise se alinha, bem como nossa hipótese, segundo a qual as construções nucleadas pelo verbo *deixar* são gramaticais, compete-nos também tratar dos conceitos de *construção* e de *construcionalização*. Concebemos como *construção*, nos termos de Goldberg (1995), o conjunto de formas sequenciais cuja interpretação não é composicional, conforme se depreende da análise deste dado:

(8) bfamdl15

ECR: [176] *é Léo que cuida mais / mas mesmo assim / es já deixaram muito passarinho morrer //*

A noção de causatividade emerge não da forma verbal *deixaram*, mas da sequência [es já deixaram muito passarinho morrer], cujo significado nos leva a compreender que a morte dos pássaros resultou não de uma permissão dos cuidadores, mas de algum tipo de ação (involuntária) por eles praticada que pode ser, inclusive, um descuido em relação a alimentá-los, por exemplo. Nessa perspectiva, não nos parece apropriado afirmar que *deixar* é um verbo causativo, já que a causatividade se manifesta não no verbo lexical, mas na construção de estrutura argumental por ele nucleada.

Entendendo, pois, a língua como um conjunto de construções (DIESEL, 2019; GOLDBERG, 1995; 2006; SOMMERER; SMIRNOVA, 2020; TRAUGOTT, 2018), a mudança linguística, segundo Traugott e Trousdale (2013), envolve dois tipos de processo: a *mudança construcional*, que consiste nas alterações que afetam uma construção já existente na língua, mas que não leva ao desenvolvimento de uma nova construção, e a *construcionalização*, que consiste na criação de uma construção na língua, o que envolve um novo pareamento de

forma e sentido. No caso específico de nosso objeto de estudo, dá-se a construcionalização cujo núcleo da construção é o verbo *deixar*, conforme passamos a descrever na próxima subseção.

## 1.2 Descrição dos dados

A categorização dos 330 (trezentos e trinta) dados segundo os critérios descritos e ilustrados em 1.1 sinaliza para a adequação de nossa hipótese, já que identificamos 200 ocorrências (60,60%) em que *deixar* figura como forma lexical, dotada da propriedade de seleção argumental da construção, conforme ilustramos a seguir:

(09) bfamcv18

HER: [181] cê achou um dinheiro que eu *deixei* num livro / lá em casa //

(10) bfamd120

OSM: [303] *deixa* esse trem aberto //

(11) bpubdl03

GUI: [180] *deixa* o pé um pouquinho pra [1] pra cá //

As ocorrências de *deixar* gramatical, figurando como verbo auxiliar marcador de noção aspectual, conforme ilustrado pelo dado a seguir, restringem-se a apenas 11 contextos (3.3%) em nossa amostra:

(12) bpubdl02

EUG: [69] mas ele nã *deixa de ser* legal também //

A terceira categoria congrega as ocorrências de *deixar* como marcador discursivo, conforme ilustrado em (13) e em (14). Estas também se mostraram muito produtivas em nosso *corpus*, alcançando um percentual de 36,10% do total (119 dados):

(13) bfamcv19

RAQ: [227] *deixa eu* dar uma olhadinha //

(14) bfamdl05

CES: [251] *xá eu ver aqui //*

Descrita, numa perspectiva macro, a frequência da forma verbal de que nos ocupamos, cumpre-nos apresentar também uma descrição mais pormenorizada daqueles contextos em que *deixar* ainda carrega conteúdo nocional e participa da seleção argumental da construção, de modo a verificar se, de algum(ns) desse(s) contexto(s), decorre uma função gramatical, sinalizando, assim, um processo de mudança do tipo *construcionalização*, tal como conjecturamos. Isso se faz necessário não apenas para nos permitir avaliar com mais propriedade a pertinência de nossa hipótese, bem como para tentar entender por que a categorização formulada por Travaglia (2017) e por Pinto (2008) é, em tese, fundamentalmente distinta de nossos resultados.

Pinto (2008) relata que, em seu *corpus*<sup>6</sup>, identificou apenas uma ocorrência do verbo *deixar* com seu valor lexical básico de “largar”, “abandonar”. Travaglia (2017), por seu turno, relata que encontrou 09 (nove) valores lexicais do verbo *deixar*<sup>7</sup>, mas ilustra apenas cinco acepções, sob o argumento de que, segundo a metodologia adotada, tais valores foram agrupados em um único bloco em contraposição aos valores gramaticais, que constituíam seu escopo de análise. Eis os cinco valores lexicais ilustrados por Travaglia (2017): (i) “separação ou afastamento de algo ou alguém”, (ii) “ceder, pôr à disposição”, (iii) “conceder, proporcionar, facultar”, (iv) “colocar em ou levar a (algum lugar)” e (v) “não privar de, poupar, respeitar, não despojar, não destituir, não roubar”. Nossa categorização nos levou a oito acepções lexicais, sendo as duas mais produtivas aquelas relacionadas aos dois sentidos mais básicos ou etimológicos do verbo (Cf. CUNHA, 1982), a saber, (i) “separar-se de, largar, soltar, abandonar” e (ii) permitir”, segundo se observa nos valores lexicais quantificados e ilustrados no quadro 1.

<sup>6</sup> O *corpus* de Pinto (2008) compõe-se de 57 (cinquenta e sete) ocorrências do verbo *deixar* coletadas em “06 conversas registradas no MSN, em 15 sites diferentes da internet em 2 acareações gravadas no PROCON” (p. 2).

<sup>7</sup> O *corpus* de Travaglia (2017) compõe-se de 399 (trezentos e noventa e nove) ocorrências do verbo *deixar* coletadas em textos orais da segunda metade do século XX e início do XXI (entrevistas do PEUL e inquéritos do NURC) e textos escritos do século XIII ao XXI.

Quadro 1 - Valores lexicais do verbo *deixar* no *corpus*

Valor lexical	Frequência no <i>corpus</i>	Ilustração
Largar, soltar, abandonar	61,17%	(bfamcv20) CAD: [269] porque aí nũ <i>deixa</i> cicatriz / né// (bfamcv22) JAN: [166] onde que eu <i>deixei</i> minhas coisa //
Permitir	23,93%	(bfamdl21) ERN: [202] é / geralmente os lugares que são assim / históricos / museus / igrejas / nũ <i>deixam</i> mesmo tirar [foto] //
Manter, conservar	5,85%	(bfamdl12) JMA: [79] aí cê <i>deixa</i> a orelhinha dele tampada // (bfamdl06) JHP:[222] ah / vou <i>deixar</i> default mesmo //
Causar, provocar	2,12%	(bfamdl30) REN: [179] <i>deixei</i> o biscoito cair //
Esperar, aguardar	1,59%	(bfamcv23) CAB: “[107] mas eu <i>deixo</i> o [1] o tempo dela //
Legar bens a herdeiros	1,59%	(bfamdl22) JRM: [71] aí / depois cê acredita / minha filha / que ele <i>deixou</i> / um dinheirinho bom pro João Vítor / e / com isso / uma pensão //
Reservar, poupar	1,10%	(bfamdl31) SEU: [239] isso aí <i>deixa</i> pa gastar no golo hhh //
Construção/expressão idiomática	2,65%	(bfamcv21) EME: [64] hhh < <i>deixa pra lá</i> > //

Fonte: Elaboração própria.

Os dados dispostos no quadro 1 revelam que os usos lexicais do verbo se concentram majoritariamente na acepção mais básica relacionada ao sentido de “largar, soltar, abandonar”, que é, inclusive, a base semântica da construção idiomática [*deixa pra lá*]. Nossa

análise revela ainda que, conforme propusemos, existem determinadas construções nucleadas pelo predicador *deixar* que cumprem função gramatical, confirmando, assim, que não é o verbo, mas a construção que é gramatical, o que nos coloca frente a um processo de mudança linguística do tipo *construcionalização*. A despeito disso, pelo menos em nossa amostragem, não é possível atestar que a maior produtividade do verbo *deixar* está na função gramatical, conforme defenderam Travaglia (2017) e Pinto (2008). Dos 200 (duzentos) contextos em que o verbo *deixar* atende os critérios de categorização como forma lexical, entre os quais a preservação de conteúdo nocional e a propriedade de seleção argumental, em apenas 63 (sessenta e três) deles, ou seja, em 31,5% das ocorrências, pode-se identificar função gramatical. Passemos à descrição dessas funções em nosso *corpus*, segundo a ordem de produtividade:

(i) *Construção de modalidade*: 69,35%

Essa construção, que marca a modalidade deôntica, é identificada na sequência de formas que atende à estrutura argumental do verbo *deixar* em sua acepção básica de *permitir*:

(15) bfamcv11

TIT: [129] <mas aí> *cê nũ deixa pingar pro chão <afora a água> dele não / uai //*

(16) bfamcv10

ONO: [196] <se *ele deixar eu descer lá para*> *baixo / eu vou descer //*

(17) bfamd102

XYZ: [125] *nunca / deixa isso aqui bater no chão //*

Travaglia (2017) descreve duas formas básicas para a marcação da modalidade de permissão: (i) [*deixar* + infinitivo] e (ii) [*deixar* + que + oração com verbo finito]. Fica claro na descrição do autor que o verbo *deixar*, no referido contexto, não é uma forma gramatical, já que é dotado da propriedade de selecionar argumento interno, saturado nas estruturas básicas apresentadas, respectivamente, pelo infinitivo, em (i), e por [*que*

+ oração com verbo finito], em (ii), tal como observado em nossos dados. Todas as construções de [*deixar* + (pronome) + infinitivo] destacadas em nossos exemplos podem ser substituídas, sem prejuízo semântico, por [*deixar* + que + oração com verbo finito]. Isso comprova que o verbo *deixar* não é gramatical, mas que a construção de estrutura argumental de que ele é núcleo se gramaticalizou, marcando, assim, a modalidade deôntica ou a *modalidade de permissão*, nos termos de Travaglia (2017). No entendimento desse autor,

todos os valores lexicais de *deixar* podem ser reduzidos a traços básicos de significado que seriam:

- a) separação de algo ou alguém de outro ou outrem no espaço, no tempo ou na noção (sentimento, atividade, fé, ação, possibilidade, vontade, intenção, etc);
- b) afirmação ou negação da separação;
- c) causa da separação: decisão própria, decisão de outrem, fato ou fenômeno interveniente e sobre o qual não se tem controle ou consciência (como morte, doença, distração, etc);
- d) atividade ou passividade de um potencial agente envolvido (TRAVAGLIA, 2017, p. 14).

Seriam esses traços, portanto, abstrações do sentido mais básico da forma e que, segundo defende, valem também para os valores gramaticais, o que é previsível se considerarmos tanto o processo de abstração metafórica envolvido na gramaticalização, quanto sua maior frequência no uso, conforme revelam os dados apresentados no quadro 1. De acordo com a análise de Travaglia (2017), a função gramatical da modalidade de permissão denotaria “a separação de um ‘poder’ ou possibilidade em que aquele (aquilo) que deixa passa este poder ou possibilidade a outrem (ou outro). Daí surge a expressão da modalidade de permissão que é ‘dar a possibilidade’” (TRAVAGLIA, 2017, p. 15). Nosso entendimento difere um pouco dessa interpretação, na medida em que estamos atribuindo a modalidade deôntica a um resquício do traço semântico de *deixar* ligado à permissão, conforme registrado no dicionário etimológico, e cuja frequência foi também considerável em nosso *corpus* (23,93%). Nos termos de nossa proposta, seria a construção de estrutura argumental do verbo *deixar* em cuja base está a acepção semântica de permissão que denotaria a modalidade deôntica.

(ii) *Construção de mudança de estado*: 19,35%

Essa construção é formada por [sujeito + *deixar* + complemento + predicativo], tal como ilustrado pelos dados a seguir:

(18) bfamdl10

HEL: [195] porque minha mãe *deixou* eu sozinha no quarto com ela / sabe //

(19) bfamdl34

CAS: [152] *deixa* o pernilongo quieto / gente //

(20) bfamdl31

SEU: [575] ele quer me *deixar* inoperante //

Tais construções correspondem aos usos que Travaglia (2017) e Pinto (2008) categorizaram como verbo de ligação. Pinto (2008, p. 12-13) acredita que “o uso do verbo ‘deixar’ como verbo de ligação é um indicador misto, uma vez que indica uma certa causalidade/causatividade de um estado ou característica que podem ser gerados por algo ou alguém, e exerce uma função relacional de conector ou conectivo”. Travaglia (2017) limita-se a relatar a produtividade da função em seu *corpus* (16,54%), classificando *deixar* nesse contexto como verbo relacional suporte. Ele também deixa entrever uma noção de causalidade, tal como proposto por Pinto (2008, p. 13), ao mencionar que sua presença é responsável por “fazer com que fique de certo modo ou em certo estado ou condição”, o que o torna semântica e funcionalmente equivalente ao verbo *tornar*. Entendemos, contudo, que a semelhança funcional com o verbo *tornar* dá-se apenas no plano semântico de marcar a mudança de estado, mas que, sintaticamente, o verbo *deixar* seleciona um complemento com predicativo, o que não se conforma à natureza de um verbo relacional. Assim, segundo nossa análise, nos contextos em que *deixar* seleciona um complemento com predicativo, ele é um verbo significativo que instaura uma implicação de mudança de estado, motivo pelo qual estamos considerando essa construção de estrutura argumental do verbo como uma *construção de mudança de estado*.

(iii) *Construção de causatividade*: 6,47%

Embora evoquem a noção de causatividade ao tratarem dos usos de *deixar* que consideram como verbo de ligação, nem Pinto (2008) nem Travaglia (2017) citam a construção causativa entre as funções gramaticais do verbo *deixar*. Eis alguns exemplos desse uso identificados em nosso *corpus*:

(21) bfamd130

REN: [179] *deixei* o biscoito cair //

(22) bfamd115

ECR: [176] *é* Léo que cuida mais / mas mesmo assim / es já *deixaram* muito passarinho morrer //

Concordamos com Pinto (2008), quando ela afirma haver uma noção de causatividade imbricada nas construções de mudança de estado<sup>8</sup>, conforme se observa em (23), a seguir:

(23) bfammn14

ANT: [492] hoje es trata ele “rajada” / *é* esse que *deixa* aquela faixa riscada //

De fato, a análise do dado faz pressupor que o avião que passou pela primeira vez numa propriedade rural e que foi denominado de “rajada” foi o fator responsável (a causa) por determinar a mudança de estado da pastagem, que passou a ter uma faixa riscada, o que não se via antes da passagem da aeronave. Esse uso, contudo, parece-nos distinto daquele que estamos categorizando como *construção causativa*, já que, no caso dessas construções, não existe o termo predicativo que configura a mudança de estado. A análise dos contextos (21) e (22) nos leva a entender que o fato de o falante deixar o biscoito cair, assim como o de as pessoas referidas deixarem os passarinhos morrerem decorrem não de uma mudança de estado – embora resultem nela –, mas de fatores geralmente não voluntários. Segundo nosso entendimento, a construção de causatividade decorre de uma abstração da noção mais básica ligada ao

<sup>8</sup> Diferentemente de nossa classificação, Pinto (2008) considera esse um caso em que *deixar* se gramaticalizou como verbo de ligação.

afastamento ou à separação, nos termos da proposta de Travaglia (2017, p. 14), há pouco transcrita, mais especificamente em seu item c: “causa da separação: decisão própria, decisão de outrem, fato ou fenômeno interveniente e sobre o qual não se tem controle ou consciência”. Assim a queda do biscoito pode ser consequência de uma distração daquele que o segurava e a morte dos pássaros pode ser consequência de falta de alimento, de cuidado... Fato é que, contrariamente à construção de mudança de estado, nesse caso, não existe a presença do termo predicativo, o que distingue, portanto, uma forma da outra e, conseqüentemente, uma construção de outra, segundo a proposta de Goldberg (1995).

(iv) *Construção de duração*: 4,83%

Identificamos também em nosso *corpus* alguns usos em que a construção de estrutura argumental do verbo *deixar*, por obra ainda da abstração do sentido básico de separação desse verbo, ligado ao traço da “atividade ou passividade de um potencial agente envolvido” (TRAVAGLIA, 2017, p. 14), denota a duração de um evento cujo limite/ finitude parece ser delegado ao interlocutor, conforme passamos a explorar, a partir dos dados que se seguem:

(24) bpubcv01

MAR: [336] porque você tem um período / que você *deixa* a bolsa dele em repouso/ pa poder centrifugar //

(25) bfamd133

JAN: [70] hhh se nũ tiver batido vai *deixar* a gordura lá esquentando e vai começar a bater de novo / né //

Esses usos evocam outros bastante recorrentes em nosso cotidiano, sobretudo em textos injuntivos ligados à culinária, os quais visam a incitar o interlocutor a impingir uma duração limitada a determinado evento/ atividade: “*deixe* assar em forno brando por 30min”, “coloque na gordura quente e *deixe* fritar”... Em alguns casos, o limite da duração, isto é, o tempo durante o qual se deve aguardar para que o resultado pretendido seja alcançado, é determinado pelo enunciador, mas, muitas vezes, ele faz parte do conhecimento partilhado entre os interlocutores. Dúvidas não restam de que o sentido de “largar, abandonar, separar” está latente

no verbo *deixar* nesses contextos, mas não podemos desconsiderar a especificidade desse uso em relação a outros contextos em que a noção de “largar, abandonar, separar” não pressupõe certo limite, motivo pelo qual estamos considerando esse um uso gramatical da construção, que parece já trazer nuances aspectuais. Não se trata, obviamente, da construção gramatical que passamos a discutir a seguir, mas, sem dúvida, já há uma demarcação de tempo interno emergindo no conjunto.

(v) *Construção de cessamento*

Ao contrário das quatro construções anteriormente analisadas, em que a função gramatical se manifesta num constructo sintático cujo núcleo é o verbo significativo, no caso da construção de cessamento, a gramaticalização está em um estágio mais avançado do processo, uma vez que, nessa construção, *deixar* é um verbo auxiliar, que marca funções de tempo e de aspecto (ou noção aspectual). Trata-se de uma construção de verbo auxiliar de incidência indireta, ou seja, quando existe entre o auxiliar e a forma nominal de infinitivo a presença da preposição. No caso específico das construções com o verbo *deixar*, essa preposição é sempre DE: [*deixar* + de + infinitivo], segundo ilustram estes dados:

(26) bpubdl02

EUG: [69] mas ele ã *deixa de ser* legal também //

(27) bpubdl09

FAB: [176] <um que eu ã [1] ã> *deixo de comentar* é aquele do [1] do morceguinho e do [1] do anjo //

A base para a abstração que origina a função gramatical de marcar a suspensão do evento ou da situação traduzida pelo infinitivo está, mais uma vez, no sentido básico de separação. Segundo defende Travaglia (2017, p. 15), no caso da construção de cessamento, “temos a separação da realização de uma situação (ou processo verbal) daquele que a realiza [...] e resulta na ideia de cessamento da situação e de sua realização (potencial ou real)”. Com isso, “por implicação, estabeleceu-se que a situação expressa pelo infinitivo está em sua fase de realização acabada, mas não se marca o aspecto acabado [...], e sim indica-se que a situação foi ‘abandonada’” (TRAVAGLIA, 2017, p. 15). Pinto (2008),

embora reconheça a função aspectual da construção [*deixar* + de + infinitivo], difere na classificação, que trata como aspecto terminativo. Nosso entendimento, contudo, é semelhante ao de Travaglia (2017): não há a marcação da fase final do evento, senão a sua interrupção em determinado ponto da duração, o que configura, portanto, a cessação.

Do que até aqui se discutiu, percebemos que o verbo *deixar*, de fato, apresenta uma multifuncionalidade na língua, o que decorre de sua alta frequência no idioma. Descrevemos, até então, os usos lexicais e gramaticais identificados em nossa amostragem linguística, faltando-nos, por fim, tratar daqueles usos que, segundo postulamos, diferem-se tanto da lexicalização quanto da gramaticalização por estarem a serviço não do léxico nem da gramática, mas do discurso. Vincent *et al.* (1993) referem-se a esse processo, que ocorre paralelamente à gramaticalização, como “post-grammaticalization”. Martelotta *et al.* (1996), por seu turno, argumentam sobre a impropriedade desse termo por sugerir que se trata de processo posterior à gramaticalização. Propõem, assim, o termo *discursivização*, que também adotamos por entendermos que as construções fruto desse processo de mudança atuam como marcadores discursivos, com a função precípua de reorganizar a linearidade das informações no fluxo do texto falado, conforme ilustramos por meio de nossos dados:

(28) bfamcv32

CEL: [78] *xá eu te contar uma coisa / esse bichim não tá segmentando / tá //*

(29) bfamd119

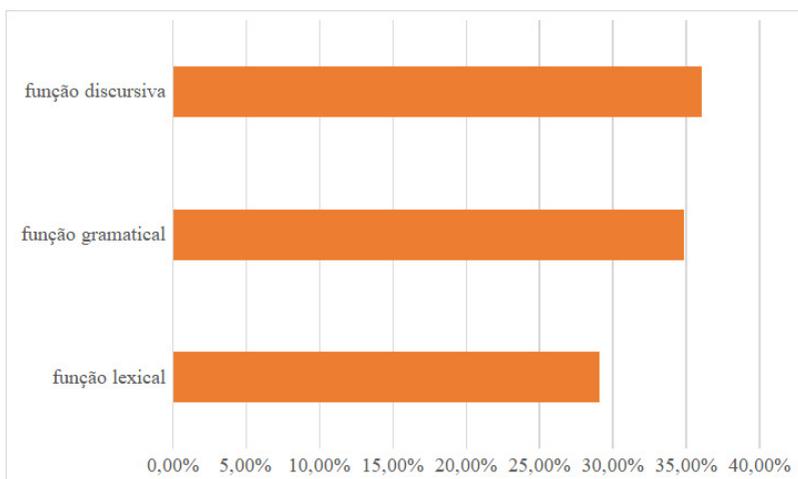
AVI: [119] <*deixa eu contar uma*> do [1] do [1] do cigano //

Embora se percebam nas construções destacadas nos dados acima nuances do traço semântico de permissão, não restam dúvidas acerca do esvaziamento desse sentido, já que, ao empregar o *chunk* [(*dei*)*xa eu*], o enunciador não está, evidentemente, pedindo permissão ao interlocutor para realizar algo, senão estabelecendo com ele um tipo de interação com vistas a tomar o turno de fala (Cf. 29) ou a (re)organizar o fluxo da informação (Cf. 28). Estamos, pois, diante de uma categoria funcional cuja significação transcende o universo biossocial para assentar-se no

discursivo. Isso explicaria o fato de apenas essa construção apresentar redução fônica especial, conforme analisaremos na seção 2. Antes, contudo, cumpre-nos sistematizar algumas generalizações decorrentes de nossa análise acerca das funcionalidades do verbo *deixar*. A primeira delas diz respeito às fontes das funções ora descritas: os dois sentidos básicos, quais sejam, afastamento (largar, soltar, abandonar) e permissão (permitir), são os mais produtivos e sedimentam todas as demais funções. Da abstração do sentido básico de afastamento, decorrem a lexicalização (construção idiomática) e a gramaticalização (construção de mudança de estado, construção de duração e construção de cessamento); da abstração do sentido básico de permissão, decorre a gramaticalização da construção de modalidade deôntica e a discursivização (marcador discursivo).

A segunda generalização diz respeito à avaliação de nossa hipótese: o verbo *deixar* é ainda produtivo como forma lexical e suas funções gramaticais decorrem não da gramaticalização do verbo, mas de um processo de construcionalização que tem por núcleo o verbo *deixar*. A quantificação das funções identificadas evidencia-se neste gráfico:

Gráfico 1 - Descrição da funcionalidade do verbo *deixar* em textos orais espontâneos



Fonte: Elaboração própria.

Os dados dispostos no gráfico 1 nos mostram que existe alguma uniformidade entre as três funções identificadas, constatando-se maior

produtividade das funções mais abstratas, ligadas, respectivamente, à gramática e ao discurso. Notamos uma discreta preferência para a função discursiva (36,10%), seguida da função gramatical (34,83%). Esse percentual resulta da soma das formas gramaticais de *deixar* como verbo auxiliar nas construções de cessamento (3,33%) com aquelas construções que satisfazem a estrutura argumental do verbo *deixar*, marcando modalidade, mudança de estado e duração (31,5% do total de formas lexicais). A menos produtiva é a função estritamente lexical, cujo percentual foi de 29,07%.

## 2 Avaliando acusticamente o grau de redução da construção [*deixa eu*] em dados de fala espontânea

Bybee (2015) apresenta um fenômeno de mudança sonora denominado redução especial (*special reduction*). Como é possível inferir através do próprio nome do fenômeno, trata-se de uma redução dos fones de uma palavra ou de uma sequência gramatical, que ocorre com itens que são usados com muita frequência na fala. Essa redução pode acompanhar uma mudança semântica ou de padrões de uso, o que acompanha, nesse último caso, um processo de gramaticalização. A autora cita como exemplo o caso dos pronomes do português e do espanhol, respectivamente, *você* e *usted*, que se desenvolveram a partir de um sintagma mais longo que se usava como uma forma de tratamento: *vossa mercê*, no português, e *vuestra merced*, no espanhol. Nesse caso, houve redução especial e gramaticalização<sup>9</sup>. Bybee (2015) também menciona outros exemplos, como saudações (*schiaivo vostro* “sou vosso escravo” > *sciao* [‘stʃao] > tchau) e sequências gramaticais (*je ne sais pas* “eu

<sup>9</sup> Os estudos de gramaticalização mostram que no curso da mudança pode haver o que se denomina ‘erosão fonética’, um processo que leva a construção gramaticalizada a se reduzir foneticamente. Ao apresentar esses exemplos, Bybee (2015) não discute especificamente a questão da gramaticalização. Num texto posterior acerca da redução especial, Bybee e colaboradores dizem: “As constructions that are grammaticalizing become more frequent, their phonetic reduction becomes more extreme” (BYBEE *et al.* 2016, p. 424), o que poderia sugerir que a gramaticalização, em conjunto com o aumento da frequência de uso, leva à redução especial. Contudo, os autores advertem, posteriormente, que “new functions do not CAUSE special reduction, but rather coincide with it” (BYBEE *et al.* 2016, p. 437).

não sei” > [ʃe'pa]). Essas reduções são motivadas não apenas pela alta frequência, mas também pelos contextos de uso.

De acordo com o modelo de exemplares (cf. BYBEE, 2013; JOHNSON; MULLENIX, 1997; PIERREHUMBERT, 2001), as mudanças que ocorrem na articulação dos sons durante a produção linguística fazem emergir novos *tokens* fonéticos que interferem na representação cognitiva das formas das palavras, desenvolvendo, desse modo, novos exemplares. Itens de alta frequência na fala estão sujeitos a mudar mais rapidamente quando tais mudanças fonéticas estão ocorrendo. É importante mencionar, contudo, que não é a frequência de uso que causa a mudança fonética; contrariamente, é o fator fonético que causa a mudança. Não obstante, as mudanças fonéticas só são levadas adiante por meio da repetição frequente. No caso da redução especial, Bybee *et al.* (2016) argumentam que novos exemplares surgem a partir da repetição e da redução fonética, fazendo com que essas unidades se tornem *chunks* ou uma unidade de processamento própria. Há, segundo os autores, duas consequências quando isso ocorre: a primeira é que a unidade começa a se comportar como uma palavra, e a segunda é que a redução que ocorre em algumas instâncias do acento da palavra (*word stress*) permite ainda mais redução segmental nas sílabas.

Bybee *et al.* (2016) fornecem como exemplo de redução especial o caso da sequência *deixa eu* no português brasileiro, que, segundo os autores, pode ser usada como um marcador discursivo (*deixa eu ver*) ou como uma forma polida para expressar sugestões (*deixa eu te ajudar*)<sup>10</sup>. Os autores coletaram dados do *corpus* C-ORAL-BRASIL I (RASO; MELLO, 2012) e observaram que nenhuma ocorrência corresponde à forma canônica ['dei.ʃə 'eu]. Mesmo a forma menos reduzida [de'ʃo] exhibe características da redução especial, uma vez que o verbo e o pronome ocorrem como um único *chunk* e o acento, originalmente na primeira sílaba do verbo, é perdido. Os autores mostram o desenvolvimento gradual da redução especial da construção *deixa eu* no português brasileiro tomando como base os dados do *corpus* C-ORAL-BRASIL I:

<sup>10</sup> Acreditamos que, a depender da situação comunicativa, o primeiro exemplo, classificado como marcador discursivo, também poderia assumir o mesmo grau de polidez atribuído ao segundo exemplo. Dessa forma, apenas a noção de polidez, a princípio, não seria suficiente para separar a sequência *deixa eu* em duas categorias distintas.

[ 'deɪ.ʃə 'eʊ ] > [ 'de.ʃə 'eʊ ] > [ de. 'ʃeʊ ] > [ de. 'ʃo ] > [ tʃo ] > [ ʃo ] > [ ʃ ]

É possível observar que há vários processos fonéticos ocorrendo em cada uma das formas que compõem o *cline*, tais como a perda da semivogal que compõe o ditongo da primeira sílaba do verbo, a perda da vogal átona do verbo acompanhada do deslocamento do acento para a sílaba seguinte, a monotongação do pronome, o desvozeamento da primeira consoante do verbo seguida da queda da vogal da primeira sílaba, a lenição da africada e, no caso mais extremo, a queda da única vogal, restando apenas a consoante [ʃ]. Em todas as ocorrências presentes no *corpus*, há uma perda da proeminência que outrora existia na palavra *deixa*. De acordo com Bybee *et al.* (2016), é essa perda de proeminência que abre caminho para o fenômeno da redução acontecer.

Nosso objetivo nesta seção é fazer uma análise acústica para medir o grau de redução da construção [*deixa eu*] em comparação com o verbo *deixar* flexionado na terceira pessoa do presente do indicativo, mas usado em outros contextos, a fim de verificar tanto do ponto de vista paradigmático quanto do ponto de vista sintagmático o quanto a construção supracitada se reduz. Dessa forma, acreditamos que é possível acessar, de certo modo, também o estágio envolvido no processo de mudança linguística da construção [*deixa eu*]. Consideramos que quanto mais reduzidas as formas envolvidas no processo de mudança, mais elas estariam avançadas em seu estágio de mudança na língua. Consideramos, adicionalmente, que o contexto morfossintático favorece a redução e o processo de mudança, atuando na emergência de novas funções da construção (BYBEE *et al.* 1994). Isso explicaria o fato de *deixar* não sofrer um processo de redução especial, como o da construção [*deixa eu*], quando proferido em outros contextos morfossintáticos com sentidos diferentes. Nos dados que analisamos do *corpus* C-ORAL-BRASIL I, as reduções mais extremas do verbo *deixar* na terceira pessoa do presente do indicativo proferido em outros contextos morfossintáticos não ocorreram e, conseqüentemente, o acento se manteve sempre na primeira sílaba, isto é, na sua posição de origem.

(30) bfamcv18

HER: [271] então *deixa* esse / e abre um outro //

No exemplo (30), num contexto morfossintático em que a forma *deixa* não segue o pronome de primeira pessoa do singular, o verbo *deixar* não se reduz para “então [tʃ] esse...” ou “então [ʃ] esse...”. Isso evidencia que não basta a palavra seguinte ser um pronome tampouco que se inicie por um som vocálico, para que a redução ocorra. Na amostra analisada, o máximo de redução que pudemos constatar em relação a esse verbo em outros contextos morfossintáticos foi a forma [ˈdeʃ]. Por conseguinte, partimos da hipótese de que a construção [*deixa eu*] é mais reduzida tanto do ponto de vista paradigmático, se comparada com o verbo *deixa*, quanto do ponto de vista sintagmático, isto é, em relação às palavras que são realizadas no mesmo enunciado, o que evidenciaria efetivamente que essa construção está, portanto, mais avançada no processo de mudança do que *deixa* em outros contextos. Outra hipótese que aventamos anteriormente é a de que a construção [*deixa eu*] passa por um processo de mudança do tipo discursivização, desenvolvendo-se num marcador discursivo, que pode, em alguns contextos, não ser realizado, assim como ocorre com outros marcadores discursivos. Baseamos essa hipótese em dados como (31), em que o participante DDD, antes de fazer a pergunta no enunciado 256, profere o enunciado 253:

(31) bpubcv04

DDD: [253] *te perguntar* //

ANT: [254] então tá // [255] a hora que ea vier cá / né //

DDD: [256] cê tem su supositório pa / recém-nascido / aques de glicerina //

Acreditamos que antes do pronome a construção [*deixa eu*] está implícita no enunciado 253, não só pelo fato de que ela aparece nesse contexto em outros enunciados, mas também porque são raros os contextos em que uma oração infinitiva ocorre de forma autônoma na língua. Castilho (2010, p. 409) menciona que a forma nominal de infinitivo pode ocorrer como núcleo de sentença simples em casos como *Mentir, eu?*, *Trabalhar para quê?*, *Não fumar*. Esses casos parecem ser bastante específicos pragmaticamente, de modo que *Te perguntar* poderia igualmente entrar para esse grupo restrito de usos do infinitivo como núcleo de sentença simples autônoma na fala em decorrência da discursivização da construção [*deixa eu*], que pode culminar no seu desaparecimento em alguns contextos, haja vista que os marcadores

discursivos não são itens obrigatórios na construção do enunciado (SCHIFFRIN, 1987; 2001). Observe que o exemplo (32), extraído do mesmo *corpus*, apresenta a construção [*deixa eu*] no mesmo ambiente morfosintático do exemplo anterior, além de o participante PPT fazer uma pergunta logo após o enunciado 584.

(32) bpubdl07

PTT: [584] *deixa eu te perguntar* // [585] a pizza vai sair ainda //

Desse modo, consideramos que o *cline* de mudança dessa construção atinge o ponto máximo, que culmina no seu desaparecimento em certos contextos. E isso abre caminho para que as construções [te perguntar], [te dizer], [te falar] etc. entrem para o grupo restrito de elementos em que o infinitivo seja o núcleo de uma sentença simples enunciado de forma autônoma na fala espontânea. Além disso, é preciso considerar que, além de a construção [*deixa eu*] reduzir-se foneticamente – algo previsto pelo processo de discursivização –, a função dessa construção, no exemplo acima, conforme já mencionado na primeira seção, não é a de pedir permissão para fazer uma pergunta. A função que essa construção assume é a de se dirigir ao interlocutor, de modo a regular a interação discursiva, mostrando, geralmente, uma atitude cortês. Essa função, juntamente com a redução fonética promovida pela mudança, é típica de marcadores discursivos que são discursivizados a partir de sentenças, de sintagmas ou de outras unidades (cf. DEHÉ; STATHI, 2016; HEINE *et al.* 2021; HILDEBRAND-EDGAR, 2016; JARADAT, 2021).

Dito isso, passemos a apresentar a metodologia proposta nesta etapa do estudo.

## 2.1 Metodologia

Para realizar a análise acústica desenvolvida neste estudo, foram também coletados dados do *corpus* C-ORAL-BRASIL I (RASO; MELLO, 2012). A busca dos dados foi, tal como na primeira parte do estudo, realizada com auxílio da plataforma DB-CoM [*Database for Corpora Multimidia*] (MELLO; RASO, 2020). Contabilizaram-se as ocorrências de [*deixa*] e de [*deixa eu*] e, posteriormente, foram selecionados 20 enunciados de cada construção, totalizando 40 dados, a partir da ordem em que os textos estão organizados no *corpus*. Enunciados

interrompidos ou com sobreposição de fala não foram escolhidos para compor a amostra final. Ressaltamos que este é um estudo preliminar, haja vista que não foram analisados acusticamente todos os enunciados que continham as construções em estudo presentes no *corpus*. Os quarenta enunciados foram submetidos à análise acústica através do *software* Praat (BOERSMA; WEENINK, 2021).

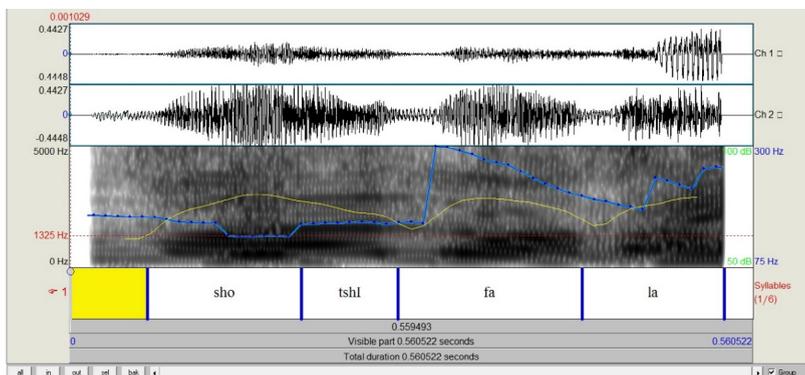
Para a observação da redução da construção [*deixa eu*] em relação ao verbo *deixa* usado em outros contextos, considerou-se o parâmetro da duração. Contudo, não se pode computar a duração bruta das sílabas devido ao fato de haver fatores que influenciam a realização do enunciado, tais como taxa de elocução, ênfase etc. Além disso, as vogais e consoantes possuem valores intrínsecos, o que pode dar a impressão de que uma sílaba curta, porém mais complexa do ponto de vista segmental, pareça mais longa. É possível que sílabas que possuam a mesma duração possam apresentar valores diferentes a depender das vogais e das consoantes que estão contidas nelas. Dessa forma, é necessário haver uma normalização das sílabas para que se possam comparar de forma mais adequada as realizações empíricas de [*deixa eu*] e de [*deixa*]. Para isso, foi utilizado um *script* para ser rodado no Praat e que realiza tal normalização. O *script* é o SGdetector (BARBOSA, 2006), que normaliza as sílabas por meio de uma transformação do z-score seguida de uma técnica de suavização.

Em poucas palavras, a padronização por z-score encontra o quociente entre a diferença da medição encontrada e a média pelo desvio padrão da amostra, isto é, a cada medição realizada, este valor é subtraído da média e, depois, dividido pelo desvio padrão. Posteriormente, essa escala é novamente recalculada, a fim de precisá-la ainda mais, como uma forma de “ajuste” ou “suavização” do z-score calculada múltiplas vezes a partir da média e da dispersão encontradas pelo programa em determinados intervalos (cf. BARBOSA, 2013). Todos esses procedimentos permitem visualizar a duração dos segmentos em milissegundos, em z-score e em z-score “suavizado”, que é a escala utilizada neste trabalho, em consonância com estudos semelhantes (BARBOSA *et al.* 2009; CERQUEIRA *et al.* 2019; FERRARI, 2015; MEIRELES; GAMBARINI, 2012, entre outros).

As sílabas dos enunciados foram segmentadas com base no espectrograma e na percepção do sinal acústico. Elas foram transcritas no código ASCII para serem rodadas no *script* SGdetector. De acordo com Plínio Barbosa (comunicação pessoal), para constatar a redução

das construções em estudo, seria necessário comparar a duração normalizada das construções com a duração normalizada de duas palavras imediatamente anteriores e com duas palavras imediatamente posteriores às construções. Dessa forma, foram calculadas a duração média das construções e a duração média das duas palavras anteriores e das duas palavras posteriores adjacentes às construções. A média da duração de qualquer palavra é calculada a partir da soma dos valores normalizados de suas sílabas divididos pelo número de sílabas que a palavra contém. Nos casos em que as construções foram realizadas em início de enunciado, evidentemente apenas a duração das duas palavras posteriores foi tomada para comparação.

Figura 1 - Tela do Praat com a segmentação em sílabas em código ASCII



Fonte: Elaboração própria.

O *TextGrid* gerado a partir da segmentação das sílabas é inserido no *software* juntamente com o arquivo *TableOfReal*. Constam nesse arquivo as médias e os desvios padrão em milissegundos da duração dos fones do português brasileiro. A aplicação do *script* gera um arquivo txt com a transcrição silábica, a duração bruta em milissegundos, os desvios padrão da duração bruta dos dados em z-scores, uma suavização de cinco pontos do z-score e um valor binário 0 e 1, indicando se a posição é um pico local de z-score. Para verificar a duração e realizar a análise estatística posteriormente, coletamos os valores da coluna z-score gerada pela aplicação do *script*, que indicam justamente a duração normalizada das sílabas. Os valores podem ser positivos ou negativos. Quando positivos, indicam alongamento da sílaba em relação ao seu

valor intrínseco, ao passo que, quando negativos, indicam que houve redução em relação ao seu valor intrínseco. Esses valores foram inseridos numa tabela de Excel para análise estatística em linguagem Python, a fim de verificar a significância dos resultados obtidos a partir dos dados fornecidos pelo *script*.

Foram realizadas quatro comparações para verificar a diferença de duração entre as duas construções, as quais são explicitadas a seguir:

- I) Comparação entre a duração de [*deixa eu*] e de [*deixa*];
- II) Comparação entre a duração de [*deixa eu*] e de [*deixa*] e suas respectivas palavras contíguas;
- III) Comparação entre a soma da duração de [*deixa eu*] e de [*deixa*] e suas respectivas palavras contíguas (isto é, duração de [*deixa eu*] + duração de palavras contíguas com duração de [*deixa*] + duração de palavras contíguas);
- IV) Comparação entre a subtração da diferença entre [*deixa eu*] e de [*deixa*] e suas respectivas palavras contíguas ( $([deixa eu] - palavras contíguas) - ([deixa] - palavras contíguas)$ ).

Os dados foram dispostos em dois grupos diferentes, com um total de 20 medições da duração das construções analisadas por grupo (N = 20). Conforme já mencionado, essas aferições foram realizadas pelo *script* SGdetector, que transforma a duração, antes expressa em milissegundos, em uma escala padronizada de z-score e, posteriormente, suaviza essas medidas a partir de outro cálculo. Isso é realizado para aproximar a média da amostra de 0 e o desvio padrão de 1, de forma a tornar os dados – que ocasionalmente apresentam grande dispersão – mais comparáveis entre si.

Dispostos os dados em dois grupos diferentes, a duração dos segmentos de cada um foi organizada em *dataframes* no Pandas (McKINNEY, 2010), biblioteca de análise de dados em linguagem Python. Ademais, foram utilizadas as bibliotecas NumPy (HARRIS *et al.* 2020) e SciPy (VIRTANEN *et al.* 2020), para análise estatística, e Seaborn (WAKSOM, 2021) e Matplotlib (HUNTER, 2007), para visualizações. A tabela 1 ilustra os cinco primeiros valores para cada uma das quatro variáveis utilizadas nas quatro comparações deste artigo, a saber: duração de [*deixa eu*]; duração de palavras contíguas a [*deixa*

*eu*]; duração de [*deixa*] e duração de palavras contíguas a [*deixa*]. Esses dados, bem como visualizações e testes estatísticos, podem ser obtidos no Google Colab<sup>11</sup>.

Tabela 1 – Cinco primeiros valores para as quatro variáveis analisadas

	Deixa_eu	Pal_cont_deixa_eu	Deixa	Pal_cont_deixa
0	1.68	1.04	-0.80	-1.45
1	-3.74	-1.23	-3.02	0.11
2	-3.22	-2.62	-2.86	-1.42
3	-1.16	2.58	-1.98	-2.53
4	-0.73	-0.93	-2.79	-0.51

Fonte: Elaboração própria.

A partir de cada comparação realizada, foi realizado um teste estatístico – ora U Mann Whitney, ora T Test para amostras independentes, de acordo com a distribuição analisada. As comparações de I a IV e os resultados dos testes estatísticos são discutidos na seção a seguir.

## 2.2 Análise dos dados e resultados

Inicialmente, constatamos que há mais ocorrências da construção [*deixa eu*] no *corpus* C-ORAL-BRASIL I do que aquelas reportadas no estudo de Bybee *et al.* (2016). O número que os autores reportaram foi de 62 ocorrências, ao passo que, neste estudo, encontraram-se 119 ocorrências. Provavelmente, os autores analisaram uma amostra ou não consideraram as formas de transcrição no momento da busca que realizaram. Para essa construção, o *corpus* alterna as transcrições em [*deixa eu*] e [*xá eu*], de acordo com a percepção da redução em curso na fala espontânea, seguindo os parâmetros adotados para a transcrição.

Tabela 2 - Ocorrências de [*deixa*] e de [*deixa eu*]

	Ocorrências	%
[Deixa]	81	40,5
[Deixa eu]	119	59,5
Total	200	100

<sup>11</sup> Link para acesso: <https://colab.research.google.com/drive/1WBQ82xUhvZtsJUUziLlysXZa-4KTOZxK?usp=sharing>

Fonte: Elaboração própria.

Pode-se observar na tabela 1 que a maior parte dos casos em que o verbo *deixar* flexionado na terceira pessoa do singular ocorre na fala espontânea refere-se à construção [*deixa eu*], o que pode motivar a sua redução, conforme a proposta de Bybee (2015). Em relação às realizações fonéticas da construção [*deixa eu*], observaram-se algumas formas não documentadas no estudo de Bybee *et al.* (2016), provavelmente pelo fato de os autores não terem analisado todos os dados dessa construção no *corpus*. Abaixo segue uma tabela mostrando cada forma e seu percentual de ocorrência. Esses dados foram extraídos da amostra que foi selecionada para este estudo.

Tabela 3 - Realizações fonética de [*deixa eu*]

	[de'fo]	['deʃ]	['feʊ]	['dʒo]	['tʃo]	['fo]	[tʃ]	[ʃ]	Total
Ocorrências	2	2	1	1	5	7	1	1	20
%	10	10	5	5	25	35	5	5	100

Fonte: Elaboração própria.

Observa-se que as realizações ['deʃ], ['feʊ], ['dʒo] e [tʃ] não estão documentadas no estudo supracitado. Essa descoberta pode revelar mais estágios intermediários da construção até chegar à redução mais extrema, isto é, à forma [ʃ]. Em relação às realizações fonéticas de [*deixa*], encontraram-se apenas duas formas, sendo ['deʃ] a mais reduzida delas.

Tabela 4 - Realização fonéticas de [*deixa*]

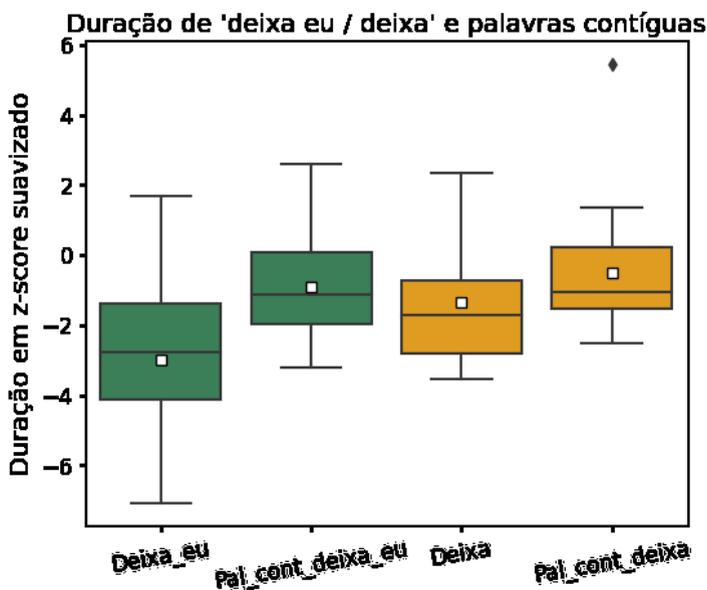
	['deʃe]	['deʃ]	Total
Ocorrências	16	4	20
%	80	20	100

Fonte: Elaboração própria.

É importante mencionar que a redução do verbo *deixar* em ['deʃ] não é um fator fora do comum, haja vista que é o 18º mais frequente do *corpus* num total de 1309 verbos, bem como é o 75º type mais frequente do *corpus* num total de 8757 types. Considerando a proposta de Bybee (2002) de que as palavras mais frequentes têm mais chances de passar por um processo de redução, as construções em estudo ratificam tal proposta devido à sua alta frequência e às suas respectivas realizações

fonéticas<sup>12</sup>. Contudo, apenas um estudo comparando as construções [*deixa eu*] e [*deixa*], observando a duração normalizada, pode evidenciar se a construção [*deixa eu*] é, de fato, mais reduzida do que o verbo *deixa* usado em outros contextos. É isso que esta seção se propõe a analisar. Desse modo, discutiremos agora as comparações I-IV e apresentaremos os testes estatísticos realizados.

Figura 2 - Boxplot da duração em z-score suavizado



Fonte: Elaboração própria.

No *boxplot* apresentado na figura 2, que resume e que embasa a discussão da maioria dos dados da tabela 4, é possível verificar a distribuição da duração nesses dois grupos, que são separados por cores. A distribuição de “[*deixa eu*] e palavras contíguas” é representada pelas caixas de cor verde, enquanto “[*deixa*] e palavras contíguas” pelas caixas cor laranja. O quadrado branco dentro das caixas indica a média e a linha que corta cada caixa transversalmente representa a mediana. Observa-se

<sup>12</sup> “The more frequent words will have more chances to undergo online reduction and thus will change more rapidly” (BYBEE, 2002, p. 271).

que [*deixa eu*] possui média (-2,986) e mediana (-2.785) menores do que os valores de [*deixa*] (média = -0.923, mediana = -1,72). Isso significa que, nos dados analisados, a tendência foi de que a construção [*deixa eu*] tenha tido menor duração do que sua contraparte, ainda que exista maior dispersão – marcada pelo tamanho do parafuso que sai da caixa por ambos os lados – nos dados de [*deixa eu*] (std = 2,316 e std = 1,84 para [*deixa eu*] e [*deixa*], respectivamente). Os falantes realizaram, portanto, [*deixa eu*] em um tempo menor do que realizaram [*deixa*]. Apesar do valor bastante aproximado da relevância (isto é,  $p < 0,05$ ), a comparação entre a duração dos dois grupos nesse quesito não alcançou significância estatística (U de Mann Whitney com  $p\text{-value} = 0.056$ ).

Tabela 5 - Resumo estatístico dos dados utilizados

	Construcao	Deixa	Deixa_eu
Dur_construcao	sum	-27.140	-59.720
	mean	-1.357	-2.986
	median	-1.720	-2.785
	std	1.707	2.316
	min	-3.530	-7.080
	max	2.330	1.680
Dur_pal_cont	sum	-10.230	-18.460
	mean	-0.511	-0.923
	median	-1.045	-1.120
	std	1.840	1.447
	min	-2.530	-3.200
	max	5.460	2.580

Fonte: Elaboração própria.

Na comparação entre a duração da construção [*deixa eu*] e suas palavras contíguas, que mede se há diferença significativa de duração dessas duas porções da construção, foi encontrada relevância estatística (U de Mann Whitney com  $p\text{-value} = 0,001$ ). De forma análoga, no grupo de [*deixa*] e palavras contíguas, também foi encontrada significância estatística entre a diferença de duração dessas duas porções (U de Mann Whitney com  $p\text{-value} = p\text{-value}=0,03$ ). Dessa forma, notamos que a duração dessas duas partes da construção não ocorreu por coincidência nos dados analisados. Entretanto, como ambos os grupos apresentaram

resultados significativos neste quesito, não é possível afirmar, por exemplo, que [*deixa eu*] influenciaria mais a duração de suas palavras contíguas do que [*deixa*] as suas respectivas palavras contíguas.

Adicionalmente, é possível observar a diferença de duração entre os dois grupos quando a primeira porção da construção é somada com a duração da segunda. Verificamos que a média de duração de [*deixa eu*] é menor do que a de [*deixa*] (média = -3,909 e -1,868, respectivamente). Isso significa que não apenas [*deixa eu*] é menor do que [*deixa*] nos dados, mas também que toda a construção do primeiro grupo – [*deixa eu*] e palavras contíguas – é menor do que a do segundo (U de Mann Whitney com p-value=0,03).

Essa relevância da duração de toda a construção também é observada quando realizamos a subtração da diferença de duração entre os pares nas construções (T Test para amostras independentes com p-value = 0,04). Isso pode ser verificado por meio da extração da média da distribuição após a aplicação da subtração (média = -2,063 e -0,845 para os grupos [*deixa eu*] e [*deixa*], respectivamente). Desse modo, é possível sugerir que há maior diferença entre [*deixa eu*] e suas palavras contíguas do que entre [*deixa*] e suas palavras contíguas. Portanto, os resultados da análise acústica revelados no *boxplot* apresentado nesta seção e validados por meio dos testes estatísticos mencionados são um indício de que a construção [*deixa eu*] está mais avançada no processo de mudança linguística.

## Considerações finais

Este trabalho analisou, tanto do ponto de vista sintático-semântico, quanto do ponto de vista acústico, ocorrências do verbo *deixar* na fala espontânea. Em decorrência de sua alta frequência, ele apresenta uma multifuncionalidade exibida não apenas nas acepções de base lexical, mas também nas construções de que participa e que exibem noções gramaticais e discursivas.

Argumentou-se que as noções estritamente gramaticais emergem a partir das construções de estrutura argumental nucleadas por esse verbo, de modo que tais noções não estão propriamente enraizadas nele. Em razão disso, é possível dizer que há um processo de construcionalização atuando nessas estruturas. Por meio da análise dos dados do *corpus* utilizado para a extração dos dados, encontraram-se oito acepções, no uso

lexical do verbo. As duas acepções lexicais mais frequentes foram as que expressam, respectivamente, o sentido de “largar, soltar” e de “permitir”. A partir da abstração das formas, ocasionada pelo processo de mudança linguística, emergem as construções que configuram os usos gramaticais do verbo, resultando nas construções de modalidade deôntica, mudança de estado, causatividade, duração e cessamento. O principal argumento para que o sentido gramatical seja veiculado pela construção e não pelo verbo é que, nesses casos, ele ainda carrega a propriedade de selecionar argumentos, exceto na construção de cessamento, uma vez que ele se comporta, de fato, como um verbo auxiliar na expressão das noções de tempo e aspecto. O uso discursivo é ilustrado, mais especificamente, pela construção [*deixa eu*], que, possivelmente, foi abstraída da construção de modalidade deôntica (cf. exemplo 16). Contudo, esse uso não expressa mais a noção de permissão, mas exhibe tão somente as funções de regular a interação discursiva, proporcionando ao participante da interação tomar o turno de fala ou reorganizar o fluxo da informação no curso de produção da fala. Ademais, essa construção apresenta uma redução fonética extrema, denominada por Bybee (2015), como redução especial. Isso nos levou a analisar acusticamente essa construção comparando-a às realizações da forma de terceira pessoa do presente do indicativo produzidas em outros contextos, de modo a aferir o grau de redução da primeira construção, o que poderia revelar, por sua vez, o estágio de mudança da construção [*deixa eu*], levando em conta que quanto mais reduzida, mais avançada estaria no processo de mudança.

A comparação entre a duração de [*deixa eu*] e de [*deixa*] revelou que a construção [*deixa eu*] foi realizada com menor duração, mas sem relevância estatística. Já na comparação da duração de [*deixa eu*] e suas palavras contíguas e [*deixa*] e palavras contíguas, foi verificado que há diferença estatística relevante entre essas duas porções ( $p = 0,001$  e  $p = 0,03$ , respectivamente) de cada construção. Isso significa que é significativa a diferença do tempo em que a primeira (*deixa/deixa eu*) e a segunda parte (palavras contíguas) são realizadas. Isso é válido para os dois grupos analisados. Além disso, foi verificado que [*deixa eu*] e palavras contíguas possuíam duração menor do que [*deixa*] e palavras contíguas ( $p = 0,03$ ). Por fim, foi verificado que há maior diferença entre a duração de [*deixa eu*] e suas palavras contíguas do que entre [*deixa*] e suas palavras contíguas ( $p = 0,04$ ), de modo que também é possível aventar um estágio mais avançado de mudança de [*deixa eu*] do que de [*deixa*].

## Declaração de autoria

Luis Filipe Lima e Silva foi o responsável pela concepção e organização do artigo, participou da redação e análise dos dados. José Carlos Costa e Sueli Maria Coelho participaram igualmente da redação e da análise dos dados.

## Agradecimentos

Agradecemos a valiosa colaboração do Professor Plínio Almeida Barbosa na parte da análise acústica empreendida na seção 2. Destacamos que qualquer erro remanescente é de nossa inteira responsabilidade. Adicionalmente, agradecemos à Professora Heliana Ribeiro de Mello por esclarecimentos a respeito da categoria de modalidade, bem como às Professoras Márcia Maria Caçado Lima e Gisele Carvalho Araújo Caixeta pelas longas discussões acerca de questões pragmáticas de singular importância para a categorização dos dados.

## Referências

BARBOSA, P. *Incursões em torno do ritmo da fala*. Campinas: Editora Pontes. 2006.

BARBOSA, P. Semi-automatic and automatic tools for generating prosodic descriptors for prosody research. In: TRASP 2013, TOOLS AND RESOURCES FOR THE ANALYSIS OF SPEECH PROSODY, 2013, Aix-en-Provence. *Anais...* Aix-en-Provence: Laboratoire Parole et Langage, 2013, p. 86-90.

BARBOSA, P.; VIANA, M.; TRANCOSO, I. Cross-variety Rhythm Typology in Portuguese. In: INTERSPEECH 2009 - SPEECH AND INTELLIGENCE, 2009, Brighton. *Anais...* Brighton: Causal Productions, 2009. p. 1011-1014.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat: doing phonetics by computer*. Versão 6.1.47, 2021. Disponível em: <http://www.praat.org/>. Acesso em: 24 mai. 2021.

BYBEE, J. Word frequency and context of use in the lexical diffusion of phonetically conditioned sound change. *Language Variation and Change*, [S.l.], v. 14, n. 3, p. 261-290, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0954394502143018>

BYBEE, J. From usage to grammar: The mind's response to repetition. *Language*, [S.l.], v. 82, n. 4, p. 711-733, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1353/lan.2006.0186>

BYBEE, J. Usage-based Theory and Exemplars Representations of Constructions. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (orgs.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 49-69.

BYBEE, J. *Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

BYBEE, J.; FILE-MURIEL, R.; SOUZA, R. Special reduction: A usage-based approach. *Language and Cognition*, [S.l.], v. 8, n. 3, p. 421-446, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1017/langcog.2016.19>

BYBEE, J.; HOPPER, P. (orgs.). *Frequency and the Emergence of Linguistic Structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The Evolution of Grammar: Tense, Aspect, and Modality in Languages of the World*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1994.

CASTILHO, A. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CERQUEIRA, S.; MORAES, J.; RILLIARD, A. A prosódia de perguntas e asserções: um estudo situado de espanhol no Brasil. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 109-137, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2019v20n1p109>

CHEN, W.; WU, W. Phonological reduction and grammaticalization: Examples from the Southern Min dialect of Hui'an. *Faits de Langues*, [S.l.], v. 46, n. 1, p. 165-186, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1163/19589514-046-01-900000013>

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DEHÉ, N.; STATHI, K. Grammaticalization and prosody: The case of English sort/kind/type of constructions. *Language*, [S.l.], v. 92, n. 4, p. 911-946, 2016. DOI: <https://dx.doi.org/10.1353/lan.2016.0077>

DIESSEL, H. *The Grammar Network: How Linguistic Structure is Shaped by Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

FERRARI, L. *Aspectos prosódicos e sintáticos dos pronomes clíticos em Português do Brasil e no vernáculo florentino*. 2015. 255f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

GOLDBERG, A. *A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HARRIS, C. R. *et al.* Array programming with NumPy. *Nature*, [S.l.], v. 585, p. 357-362, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1038/s41586-020-2649-2>

HEINE, B. *Auxiliaries: Cognitive forces and grammaticalization*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1993.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: A Conceptual Framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HEINE, B.; KALTENBÖCK, G.; KUTEVA, T.; LONG, H. *The Rise of Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

HEINE, B.; KUTEVA, T. *The genesis of grammar: A reconstruction*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HEINE, B.; REH, M. *Grammaticalization and reanalysis in African languages*. Hamburg: Helmut Buske, 1984.

HILDEBRAND-EDGAR, N. Disentangling frequency effects and grammaticalization. *WPLC*, [S.l.], v. 26, n. 1, p. 1-23, 2016. Recuperado de: <https://journals.uvic.ca/index.php/WPLC/article/view/15301>

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HUNTER, J. D. Matplotlib: A 2D Graphics Environment. *Computing in Science & Engineering*, [S.l.], v. 9, n. 3, p. 90-95, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1109/MCSE.2007.55>

JARADAT, A. Grammaticalization of discourse markers: views from Jordanian Arabic. *Heliyon*, [S.l.], v. 7, n. 7, p. 1-8, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2021.e07632>

JOHNSON, K.; MULLENIX, J. (orgs.). *Talker variability without speech perception*. San Diego: Academic Press, 1997.

KALDHOL, N.; JOHNSEN, S. Grammaticalization in Somali and the development of morphological tone. *Proceedings of the Linguistic Society*

*of America*, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 587-599, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3765/plsa.v6i1.4993>

LEHMANN, C. *Thoughts on grammaticalization: A programmatic sketch*. Cologne: Universität zu Köln, Institut für Sprachwissenschaft, 1982.

MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. M. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, M. E.; NASCIMENTO, E.; COSTA, S. (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 45-75.

McKINNEY, W. Data Structures for Statistical Computing in Python. In: PYTHON IN SCIENCE CONFERENCE (SCIPY 2010), 9, 2010, Austin. *Anais...* Austin: [s.n.], 2010. p. 51-56.

MEIRELES, A.; GAMBARINI, V. P. Rhythm Typology of Brazilian Portuguese dialects. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON SPEECH PROSODY, 6, 2012, Shanghai. *Anais...* Shanghai: International Speech Communication Association, 2012, n/p.

MELLO, H.; RASO, T. *DB-CoM: Database for Corpora Multimedia*. 2020. Disponível em: <http://www.c-oral-brasil.org/db-com>. Acesso em: 24 mai. 2021.

PIERREHUMBERT, J. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition and contrast. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (orgs.). *Frequency effects and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 1-19.

PINTO, P. J. G. A (poli)gramaticalização do verbo *deixar*. *Domínios de Lingu@agem*, Uberlândia, v. 2, n. 1, p. 1-19, 2008. Recuperado de: [www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11479](http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11479)

RASO, T.; MELLO, H. (orgs.). *C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SCHIFFRIN, D. *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SCHIFFRIN, D. Discourse Markers: Language, Meaning, and Context. In: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, E. (orgs.). *The Handbook of Discourse Analysis*. Malden: Blackwell, 2001. p. 54-75.

SILVA, L. F. L. Desenvolvimento do conector “na hora que” na Língua Portuguesa: uma análise qualitativa sob uma perspectiva construcional. *Signo y Señã*, Buenos Aires, v. 32, p. 123-136, 2017. DOI: <https://doi.org/10.34096/sys.n32.4113>

SILVA, L. F. L.; COELHO, S. M. A gramaticalização de geral no português brasileiro: de adjetivo a pronome indefinido/quantificador. *(Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 14, n. 28, p. 159-176, 2020. DOI: <https://doi.org/10.47456/cl.v14i28.31179>

SOMMERER, L. SMIRNOVA, E. (orgs.). *Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2020.

THOMPSON, S.; MULAC, A. A quantitative perspective on the grammaticalization of epistemic parentheticals in English. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to Grammaticalization*. v. 2. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 313-330.

TRAUGOTT, E. Modeling language change with constructional networks. In: PONS BORDERÍA, S.; LOUREDA LEMOS, Ó. (eds.). *Beyond Grammaticalization and Discourse Markers: New Issues in the Study of Language Change*. Leiden; Boston: Brill, 2018. p. 17-50.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAVAGLIA, L. C. A gramaticalização dos verbos passar e deixar. *Revista da ABRALIN*, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 9-60, 2017. Recuperado de: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/951>

VINCENT, D.; VOTRE, S.; LAFOREST, M. Grammaticalisation et post-grammaticalisation. *Langues et Linguistique*, Québec, n. 19, p. 71-103, 1993. Recuperado de: <https://www.flsh.ulaval.ca/langues-linguistique-traduction/recherche/revue-langues-et-linguistique>

VIRTANEN, P. et al. SciPy 1.0: Fundamental Algorithms for Scientific Computing in Python. *Nature Methods*, [S.l.], v. 17, n. 3, p. 261-272, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1038/s41592-019-0686-2>

WAKSOM, M. L. Seaborn: Statistical Data Visualization. *Journal of Open Source Software*, [S.l.], v. 6, n. 60, p. 1-4, 2021. DOI: <https://doi.org/10.21105/joss.03021>